

Meu amigo bossa-nova

Ubirajara Rancan de Azevedo Marques

Como citar: MARQUES, Ubirajara Rancan de Azevedo. Meu amigo bossa-nova. *In:* CECON, Kleber; PEREIRA, Reinaldo S; MARQUES, Ubirajara R. de A. (org.). **Amizade e sabedoria:** Festschrift em homenagem a Antonio Trajano. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2025. p.41-43. DOI: <https://doi.org/10.36311/2025.978-65-5954-567-4.p41-43>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Meu amigo bossa-nova

Ubirajara Rancan de Azevedo MARQUES¹

Conheci Trajano em 87, ao participar de processo seletivo na então Faculdade de Educação, Filosofia, Ciências Sociais e da Documentação. Contemplado com a vaga em disputa, vim para o Departamento de Filosofia da UNESP em março de 89. Tornados colegas, tornamo-nos amigos.

Individualmente, os membros todos da “Filosofia” [“DFil”, apelido *administrativo*, viria bem mais tarde] eram competentes e camaradas. Mas aquele Departamento, havia somente 12 anos em Marília, ressentia-se do lugar nenhum em que estava, cultural e institucionalmente.

¹ Professor Titular do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP. Marília, SP; Brasil. ubirajara.rancan@unesp.br

Viera de Assis, onde, criado o curso em 68, começara a formar corpo, o próprio e o da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de lá, um dos então Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo.

Sua transferência forçada para cá, se mais não era, geográfica e culturalmente, do que uma troca de 6 por meia dúzia, do ponto de vista político-organizacional correspondeu a um degrado, pois o pouco que conseguira a menos de 80 km de distância fora da noite para o dia desfeito.

Com a partida sucessiva de vários professores daquele grupo originário, no qual todos se sentiam multiplamente próximos, a organicidade espontânea com que atuavam cedeu em boa parte a vez ao individualismo carreirista. Enquanto a UNESP devia consumir a ideia de um ensino e uma pesquisa de ponta estado adentro, a maior parte da “Filosofia”, na contramão, buscava ir da *província* para a *corte*, percurso cujo traçado conferiria um ar estagiário a “Marília”.

Nesse embate de tendências opostas, muitos se foram, outros ficamos. Entre os que permanecemos, alguns se ressentiam, outros se apatizavam, também havendo quem vivesse para trabalhar.

Nem ressentido, nem apático, tampouco tomando a parte pelo todo, Trajano, muito garbo e tanta façanha, não tinha talento nenhum para a chatice.

Preferencialmente, ouvia; quando falava, punha em prática o diálogo, jamais o monólogo autocrático, quer estivesse numa reunião com colegas, quer numa aula ou num encontro social.

Na mesma época em que cuidava de implementar a “Tutoria” no Curso de Filosofia, nele tendo sido seu primeiro Coordenador de Curso, Trajano comparecia regularmente ao “Pratas da Casa”, evento na Faculdade em que cantava e tocava violão. Mais adiante, seria o responsável por arregimentar os primeiros coralistas do futuro Coral *Boca santa*, conjunto de que fez parte e com o qual se apresentou.

O mesmo professor sempre querido pelos estudantes, especialmente os do primeiro ano, surpreendia-os ao convidá-los, encerrado o ano letivo,

para irem como convidados seus a um bar da cidade, no qual por vezes ficavam todos até o raiar do dia.

Aos colegas mais jovens, deixava-nos saudavelmente invejosos ao contar-nos dos *shows* no “João Sebastião Bar”, do talento e charme de Nara Leão, da pensão na qual, estudante e bancário, morara com José Celso Martinez Corrêa e Luiz Roberto Salinas Fortes, ou de sua *kitchenette* no “Copan”, na qual, anos de chumbo, abrigara uma amiga militante.

Privar com quem reze pela cartilha do saudosismo ou pela do presentismo cultural é dos acasos mais enfadonhos da vida em sociedade. Tendo experienciado a efervescência dos anos 60 em São Paulo, onde se graduara e obtivera o mestrado em filosofia [sob a orientação de Oswaldo Porchat], e residido vários anos na Inglaterra, nos 80, onde se doutorara no “*King’s College*”, Trajano não só não ficava preso a um momento “seu”, como tampouco fazia do tempo o veículo no qual se deslocasse como espectador. Soberano sem soberba, tanto era moldado pelas circunstâncias que irremediavelmente o afetavam, quanto as moldava com obstinada paciência, convincente argumentação.

Com ele, Filosofia e “Filosofia” só tiveram a ganhar. Já o “Dfil”, padece na orfandade.